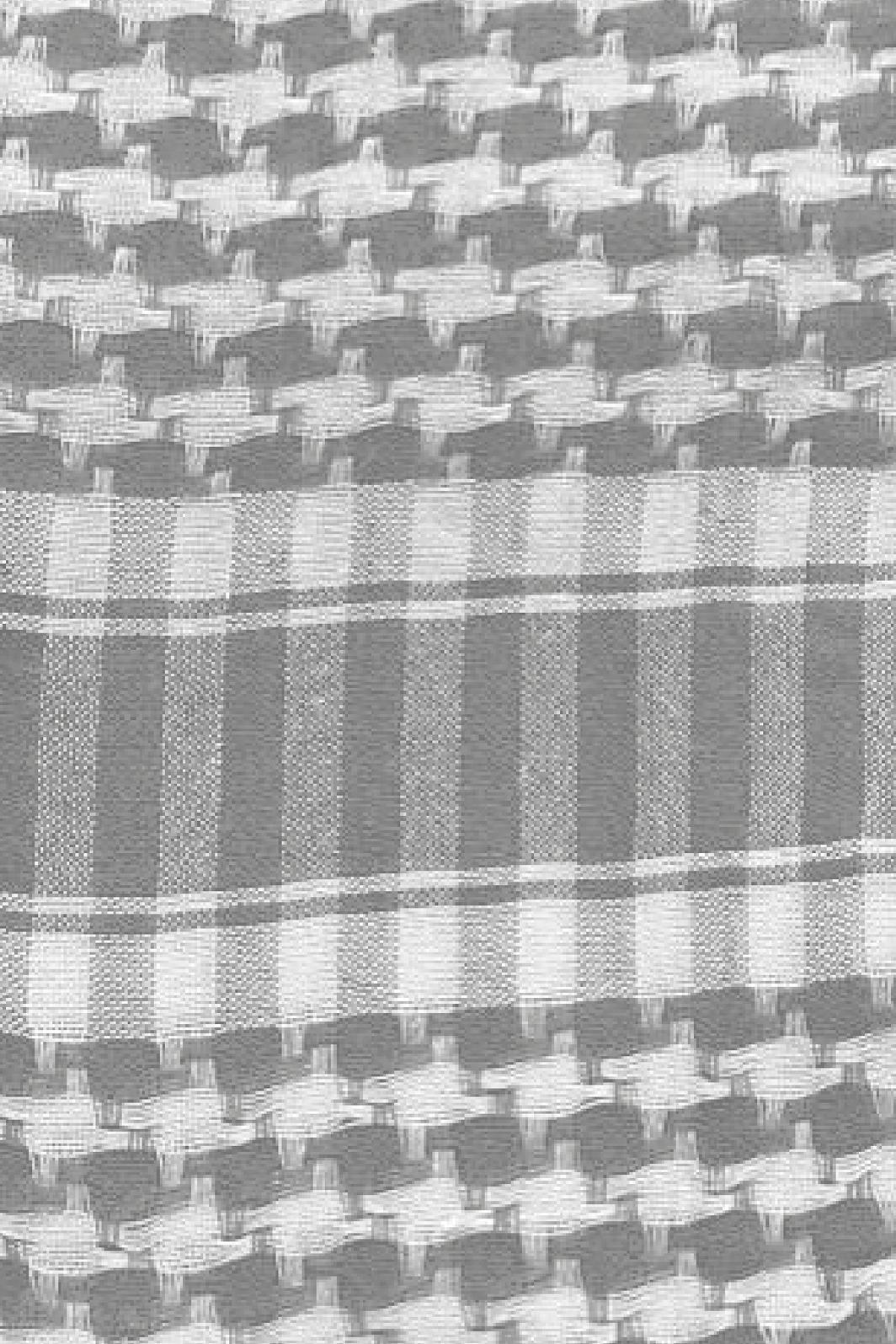
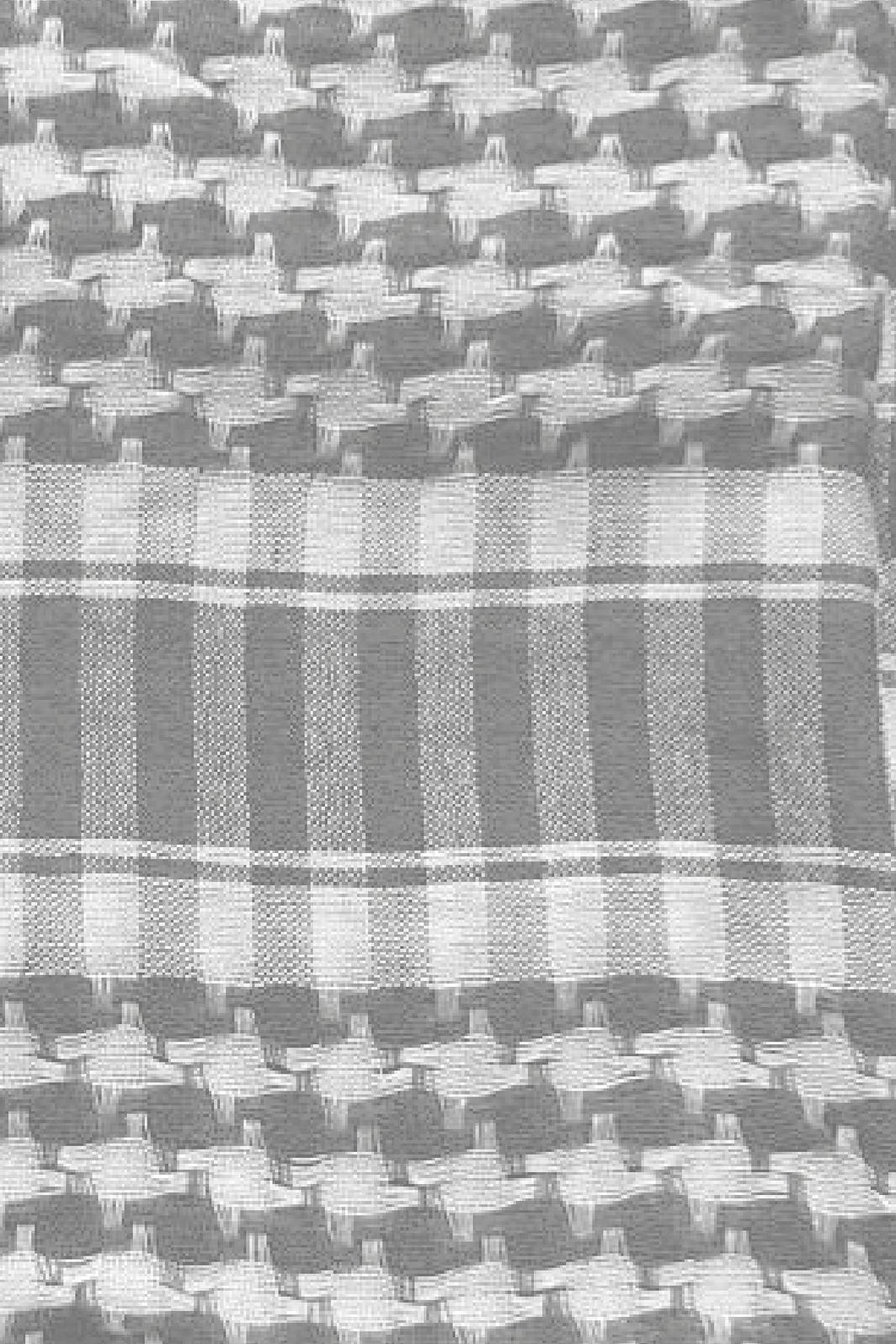




JOSÉ : UM PALESTINO

FABIANO A.SALIM





JOSÉ: UM PALESTINO

FABIANO A. SALIM

JOSÉ: UM PALESTINO

1ª edição

Belo Horizonte
Edição do autor
2024

Catálogo na Publicação (CIP)

Salim, Fabiano A.
S165J José: um palestino / Fabiano A. Salim. - 1a. ed. - Belo Horizonte : Ed. do Autor, 2024.
72 p.
ISBN: 978-65-00-91337-8
1. Contos brasileiros. I. Título.
CDD: B869.35

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

JOSÉ: UM PALESTINO

© 2024 COPYRIGHT BY FABIANO A. SALIM

EDITOR

Fabiano A. Salim

SUPERVISÃO EDITORIAL e PROJETO GRÁFICO

Vanderlucio Vieira

ILUSTRAÇÃO E CAPA

Tales Ramalho Salim

FOTOGRAFIA

Fabiano A. Salim

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Augusto Rodrigues Borges

REVISÃO DE TEXTO

Luciara Oliveira

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem a prévia autorização do autor, por escrito, sob pena de constituir violação do copyright (Lei 5.988)

Quer saber mais sobre o autor

fabianosalim@gmail.com

Impresso no Brasil

Formato Artes Gráfica

Belo Horizonte, janeiro / 2024

1ª edição: 2024

**ESTE LIVRO ESTÁ DE ACORDO
COM A NOVA ORTOGRAFIA.**

Dedico este livro às
vítimas palestinas, cruelmente
assassinadas pelo estado de Israel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a coragem de escritores, jornalistas e todas as vozes que, mesmo sob ameaça ou controle político, notadamente em países autodeclarados democráticos, não medem esforços para mostrar ao mundo a verdade sobre a questão palestina; as mentiras para encobrir fatos; a conveniência econômica; o silêncio ominoso.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	09
ORIENTE JOSÉ	13
ORIENTADO JOSÉ	25
EXCERTOS	39
REFERÊNCIAS	59

ORIENTE JOSÉ

*Nos exilaram à força
nossa aldeia ficou em ruínas
vieram
cavaram uma tumba no passado
arrancaram as oliveiras(...)
aqui e ali
o furor da batalha
assediou todos os umbrais
e o filho era arrebatado da mãe
e levaram as mulheres
cortejos doloridos em sua nudez
para empurrá-las para além das fronteiras
longe longe.*

Hanna Ibrahim,
em Poema sem nome

Sobra José. Fica José.

Atravessou mundos, conheceu os cananeus, navegou com os fenícios, conviveu com os filisteus durante suas grandes batalhas, tem nas mãos toda a história de sua terra, aldeias distribuídas, suas leis, devoções. Tamanho pequeno na sua extensão comparada, é verdade, mas um torrão estabelecido, porção pertencente a famílias. Raízes fincadas.

O sol insistente queimava. Pastores, plantadores, artesãos. Entre muitos. Trabalhavam, produziam. Incansáveis.

Assistiu ao primeiro forasteiro chegar. Depois outro. E outros. Em seguida mais. E mais. Todos bem recebidos, acolhidos. A terra dava conta.

Foram chegando. Doutrinados, adaptados. Utilitários. Idiomas variados, tipos diferentes, costumes distintos. Um ajuntamento.

Invadiam. Alastravam-se. Com o tempo José atinou:

— Intrusos. Oportunistas.

Chegavam mais. Hasteavam bandeiras de um azul desmaiado emoldurando uma estrela sextavada, oca que nem as razões para a criação de um estado, sem brilho como a conversão para tirar vantagem, vazia como quem desembolsa por comprazimentos no remate de que com dinheiro se pode se vestir com a felicidade de outro.

— Um disfarce para o arado compromissado, impiedoso, pontas afiadas para estraçalhar, sulcar a terra em covas rasas — concluiu José.

José queria reverberar seus pensamentos. Falava nas deduções:

— Um aglomerado na missão de atender esconsos.

O filho da terra não queria calar:

— Confederados guardados na ganância, defendem a justiça, a soberania, em qualquer canto do mundo, menos aqui, pois são dissimulados,

nada além do retrato de um servilismo ajustado, indecência, proveito, apoderamento ilícito.

Assistia José a cada dia mais a seu povo extorquido, pilhado nos bens. De plantações a utensílios domésticos.

Começou a questionar. Começou a entender. Começou a odiar.

Estudava. Buscava justificativas em acontecidos. Comparações.

— Quais os motivos pelos quais os mesmos que aplaudiram a derrubada do conhecido muro da vergonha nos deram as costas? — perguntava José.

— Assistiram mudos, condescendentes, à construção de outro muro igual, discriminatório, separando o que era fértil para os impostores e deixando a miséria para nós, que somos os legítimos proprietários — completava inflamado.

Chegavam mais. Ervas daninhas na opinião de José.

Mais invasões, mais desabrigados, espremidos cada vez mais. No meio, José. Mais gente, menos terra. Mais assassinatos, menos justiça. Mais chacinhas, menos direitos. Defesas proibidas, agressões

permitidas. Truculência contra os mais fracos; organizações internacionais e líderes mundiais de olhos fechados, bocas abertas para as burlas do “faz de conta”, que nada resolve.

José permanecia. Viu avós, pai, mãe, irmãos e tantos outros concluídos na mira, eliminados de forma covarde.

Para quem escapava, o refúgio, acampamentos. José discordava. Esperança embalada na vingança. Era o que sentia. Avolumava a revolta quando se lembrava da hospitalidade ofertada aos impostores, agradecida na forma de morte em nome de uma bandeira, um monte como pano de fundo para vindouros horrores de uma guerra unilateral e desigual. Perseguições, exílios, guetos.

Chegou José a acreditar em um mundo de liberdade, igualdade. Desiludiu-se. Revoltava-se ao perceber os objetivos daqueles estranhos; desgarrados nas origens, muitos, mas apegados no igual intuito de ter a qualquer custo.

Levantou-se José. Ergueu-se representante daquele persistente povo — com letra maiúscula — Palestino, que não se abate diante dos invasores — com letra minúscula — ignóbeis.

— São eles, são eles — gritava José. — São eles que hoje, no lugar de pregos, usam armas de eliminação coletiva contra inimigos eleitos na conveniência, sem dar importância a mulheres grávidas, crianças ou idosos; inocentes assassinados, torturados, abusos físico e emocional.

Insubmisso, José ficava imaginado qual seria a reação daqueles violentos se vissem os de seu próprio grupo boiando em sangue, vísceras expostas aos abutres. Não poderia ser outra — continuava em pensamentos — a não ser voltar ao poder das armas, uma vez mais, contra alvos indefesos.

José compreendia. Imaginava mil formas de desforras, eliminar a trapaça, a ferida geográfica pelo enclave de feitiço fraudulento.

José, minguado na tolerância, resumido na carne, crescido na imaginação, criado no querer de justiça.

Sonhava com o dia do reconhecimento do que realmente aquela gente estrangeira representava de mal. Também com o desdito de tudo que pregavam, com o desmonte do poderio bélico, monstruosidade revelada pelos mísseis que saíam de dentes em sorriso cínico, mordendo raivosamente os desprotegidos.

Pensava nas mentiras que deveriam ser desnudadas para expor a verdadeira índole velhaca. Queria também José desvendar as generosas compensações por decorridos engenhosamente moldados na inverdade, farsas para avolumar fatos.

— Cometem atrocidades justificadas pela autodenominação de escolhidos. Prendem, julgam, sentenciam na conformidade de suposições, acusações inconsistentes, direcionadas — José inflava.

— Mas escolhidos por quem se o que fazem é repugnado pelo bom Pai? — José inquiria.

— Cuidado com os falsos profetas! Eles chegam a nós vestidos como ovelhas, mas são lobos devoradores — citava José.

— Infligem a nós as mesmas crueldades de que tanto reclamam ter sofrido no passado — explicava José.

— Não extinguirão raízes de um povo com miseráveis plantios sobre as oliveiras — discursava um José sublevado ao ver tratores israelenses passando por cima de tudo, sem se importar com gritos e choros, soterrando, junto com livros, brinquedos e objetos escolares, quem não quisesse sair.

— Afinal, quem são os terroristas? — perguntava a si mesmo, não suportando a tragédia diária, lembrando que a instalação do estado artificial contou com ímpios grupos judeus, como as milícias sionistas de direita Gang Stern e Irgun, certamente entre os mais brutais que atuaram no Oriente Médio.

— Mesmo com o memoricídio planejado, não farão vingar o morfético oportunismo sobre a inteireza. — Apontava para a destruição de escolas, centros culturais, hospitais, lugares sagrados islâmicos e cristãos. — Erradicam nossos pomares, plantam reles árvores no lugar; fazem de tudo para apagar o passado de um povo; aniquilar seus valores morais, colocando no lugar existências rasas; desfazem a paisagem com seus assentamentos agressivos. É a barbárie, são os escravos do Egito no contento de escravizar.

— Onde estarão todos? — perguntava José. — Meus pais, meus filhos, meus amigos, meu sangue — completava.

Cada vez mais protestava José contra a marcha forasteira:

— Este infame movimento a que assistimos tem a mesma feição de outro, genocida, que marcou

a humanidade, reproduzido agora com o aprimoramento de como espoliar cada vez mais, subtrair até a exaustão — afirmava José.

— Combateremos todos aqueles que nos combatem — orava José.

José inconsolado. José armado. José sumido.

José procurado. José caçado. Mortes mais.

Restam Josés. Vivem Josés.

ORIENTADO JOSÉ

*Sangue sangue sangue
como se a terra não pudesse parir o capim
sem que a reguem com sangue (...)
e as crianças caminham
aterrorizadas entre as chamas e as colunas
de poeira
como se os punhais negros houvessem
cortado – diante delas –
os peitos de suas mães (...)*

Salim Jabran,
em A aldeia degolada

José sumido, caçado. José revoltado, armado.
José renascido.

Era das mais novas gerações. Ele e os seus, da mesma forma que os ancestrais, amam o chão de onde tiram o sustento, mantêm tradições. Uma nação. Tem a vaidade de pertencer a um povo; montanhas, planícies, terras áridas nas quais, com generosas águas, dádivas de Alá, o Clemente, o Misericordioso, de tudo se cuida: plantações, criações.

José sabe que as atrocidades contra seu país não cessarão enquanto os usurpadores não assistirem ao último morador tombar.

Caminhando entre as ruínas deixadas pela chuva de mísseis, pensando em tamanha desumanidade, viu, sentado sobre os escombros, um menino. Apesar de sua fisionomia coberta por fuligem que o ataque produziu, era fácil perceber que não passava de dez ou doze anos de idade. José fez as saudações. Perguntou:

— Qual o seu nome?

— José.

— Onde você mora?

— Era aqui.

— E seus pais?

— Morreram todos: minha mãe, meu pai, meus irmãos e meu avô que vivia com a gente. O cômodo era pequeno, mas dava. Agora...

— Meu nome também é José. Sabe, *ibni*, vou te chamar de “meu filho”, temos que ser fortes, não vamos nos sucumbir qualquer que seja a situação; as injustiças nos enrobustecem.

Percorreram os olhos até onde a vista alcançava. Só destruição. O menino se calou, pensativo. José retornou no tempo e começou a narrar passagens para o pequeno:

— Tudo começou por volta de 1940, a covardice das invasões, bombardeios, varrer do mapa, limpeza étnica, empurrar os legítimos donos para os campos de refugiados, deixando o terreno livre para a construção de assentamentos em cima de milhares de nossos cadáveres. E em 1948, riscaram as linhas fronteiriças para o novo país, linhas nunca respeitadas, ampliadas cada vez mais às custas do derramamento de sangue de quem, até então, habitava com merecida tranquilidade.

Contou José:

— Muitos aplaudiram a construção do vergonhoso muro de Gaza, mas louvaram a queda do muro de Berlim. O mundo se esforçou para colocar um fim no *apartheid* da África do Sul, mas fica insensível quanto ao movimento separatista imposto a todos os palestinos.

José abordou a Segunda Grande Guerra:

— Me lembro da consternação para com os judeus, que, com tal sentimento trabalhado, conseguiram comprar a aceitação mundial para a divisão de nossa terra em dois estados. Só que o deles, com planejada invasão, apoiada pela grande potência do norte, se transformou em ponta de lança dos ianques, ávidos insanos, fanáticos se-

nhores da guerra, que o adestraram para cumprir ordens em troca de apoio armamentista imoral. Recordo as notícias sobre os horrores da guerra, os campos de concentração, as câmaras de gás, a aflição dos perseguidos, as centenas mortes de uma só vez. Hoje, em pleno século XXI, chego à conclusão de que nada adiantou o padecimento de tantos; no lugar de aprender para fazer a paz, sem tanta dor, aprontaram exatamente o contrário, se tornaram discípulos de seus próprios algozes, colocando o sionismo, instrumento que utilizaram para a criação de uma pátria postiça, em pé de igualdade com o nazismo: vieram, por ironia, a ser aquilo que tanto odiaram no passado.

José, refletindo sobre tal semelhança, enumerou: os campos de concentração nazistas separavam as famílias e amigos, como acontece com Gaza e Cisjordânia; os guetos, a aglomeração de judeus em espaços indignos para a sobrevivência, hoje são reproduzidos nos campos de refugiados palestinos; o Terceiro Reich levava seus inimigos aos fornos; os habitantes de uma Gaza ilhada, cercada por muros, são queimados, vivos, com armas químicas, conforme denúncias; os nazistas roubavam as joias e valores dos prisioneiros; os

sionistas extorquem as famílias retiradas à força, afanam seus pertences. É o desamor no caviloso jargão de *uma terra sem povo para um povo sem terra*.

Sobre os sórdidos genocídios, José explicou:

— Os movimentos sionista e nazista são movimentos parelhos, são como dois irmãos gêmeos, idênticos, que carregam, como grande pilar, o desprezo pela vida. Entendeu? — perguntou ao pequeno.

José lembrou do grandioso escritor português que comparou as ações do exército de ocupação israelense ao sofrimento dos judeus no campo de extermínio nazista de Auschwitz, com o que concorda quando traça as similitudes com as fotografias de uma Gaza cercada por arame farpado.

Com tal lembrança, prosseguiu suas explicações:

— As valas comuns, com centenas de corpos judeus, que estarreceram a humanidade, exibidas, descritas pela imprensa na época ou mesmo em telas do cinema, são copiadas pelos sionistas em seus odiosos massacres, como foram os casos de Sabra e Chatila; os abomináveis interrogatórios

da SS nazista, tortura e humilhação para forçosa confissão, também são reproduzidos nos mesmos moldes com palestinos, inclusive crianças, como foi registrado durante a Intifada. São eles. Falam em paz e amam a guerra; privam de liberdade e a citam. É a indústria do holocausto, que produziu vítimas perenizadas que se acham no direito de massacrar, estuprar; são embebedas de colonialismo, opressão, segregacionismo e racismo.

José pensativo pergunta a si mesmo se o mundo, indiferente ao abuso contra os direitos humanos, aguarda oportunidade futura, depois do extermínio, para erguer monumentos e museus sobre as vítimas árabes, como centenas espalhadas para mostrar o sofrimento judeu.

José lembrou a felicidade nas aldeias, o Adan, chamado para a oração, a Dabke, dança folclórica. Rememorou a colheita de azeitonas, quando a parentalha se reunia para o feito. A coleta rica de frutas também é inesquecível.

Disse:

— Os israelitas utilizam de nossos produtos, etiquetam, mandam para a Europa como resultado do trabalho deles. A oliva, o morango e as vinhas

são exemplos; sarrupiam-nos de todas as formas, até água.

Prosseguiu:

— Tudo desrespeitado. Valores são os deles. Se é de outro, não consideram nada, mesmo quando se tratando de partido político democraticamente eleito ou organização cultural calcada em bases populares. Não, se não cede aos interesses do ocidente, de nada vale.

— Um povo arrasado somos nós. — Refletiu e continuou o pensamento. — Eles, em nome de uma psicopatia bíblica, prometem o paraíso do *leite e mel*; deliberam e condenam quem é vítima, promovem execuções sumárias. Assim aconteceu com Jesus Cristo, julgado arditosamente pelo conselho de líderes judeus, condenado e entregue para ser crucificado. De forma inescrupulosa, autoproclamam-se donos daquilo que não construíram ou plantaram. Foram recebidos de braços abertos pelos nativos na compreensão de que buscavam refúgio seguro pelo que sofriam na Europa; e encontraram o desejado abrigo. Enquanto isso, se armavam e começavam a atacar traiçoeiramente; silenciosa pena de morte por capricho. Lembro, como se fosse hoje, as primeiras explosões, as

primeiras matanças, os ataques-surpresa, que deixavam os aldeões em pânico sem saber para onde correr com seus idosos e recém-nascidos. Ouviam-se os gritos “os judeus estão matando”, “os sionistas estão atirando na cabeça de nossos filhos”. De lá pra cá foi só matança e covardia.

Sob o olhar atento do menino, José continuou:

— Assim foi Al-Dawaymeh, Balad-al-Shaykh, Deir Yassin e tantas outras aldeias massacradas, centenas delas despedaçadas, saqueadas, seus cadáveres pisoteados. Os homens eram arrancados de suas casas e fuzilados. E os ataques desproporcionais nunca mais tiveram fim. Depois que os soldados de Israel matavam e expulsavam os moradores de suas próprias terras, comemoravam, bebiam e narravam, com jocosidade, como fizeram para um idoso chegar às lágrimas, como torturaram e executaram uma mulher gestante, como apreciaram o olhar suplicante de uma criança sob a mira da metralhadora. Ainda hoje circulam fotos de tais barbáries com o homicida sorrindo sarcasticamente, encostando o cano frio do fuzil na frente, na testa, na nuca, onde mais lhe desse prazer ao atirar. Será esse soldado israelita um da lista de Schindler que escapou, ou um dos

meninos de pijama listrado que cresceu? Depois das comemorações, embriagados, partiam para as casas abandonadas pelos árabes, era a algazarra da pilhagem, garimpar o que tinha de valor e quebrar tudo que não interessava. A ordem era não deixar nada que pudesse sinalizar qualquer intenção de retorno por parte dos enxotados. Nossas propriedades foram entregues a quem quisesse, pessoas vindas de qualquer parte do mundo, convertidas ou não, desde que mostrassem disposição de serem fielmente comandadas pelo exército da eliminação. Por esses motivos, e tantos outros, não consigo olhar para um sionista sem enxergar, acima dos seus lábios, o bigodinho de Hitler.

José suspirou profundamente:

— Em nosso próximo encontro quero contar de coisas que se escondem a sete chaves, como o pacto de Haavara, acordo de transferência, no qual a federação judia alemã se mancomunou com o partido nazista, já com o famoso *Führer* à frente, e, de mãos dadas, partiram para a Palestina com o propósito de lançar a semente do estado religioso israelense. Sabe, *ibni*, a *Nakba*, a catástrofe, que não esquecemos, faz quase um século, um dia estancará. Podem beber nosso sangue, mas não

apagarão nossa história, que sempre providencia novas forças. Ah! Quero falar também de como Davi pode se ferir com a própria pedra.

José menino se tornou um Fedayeen, fervoroso lutador da resistência. Não acredita em um planeta melhor, pelo menos até quando parte dele apoiar a dispersão, o holocausto palestino. Ainda assim, não desistirá, pelo contrário, é o seu fundamento da verdade. Está impregnado de um sentimento que não se apagará. Viverá para sempre. E o sempre, em sua cabecinha, será enquanto existir o mal geográfico a ser curado, que, como metástase, avança cada vez mais em suas terras. E finalizou balbuciando para consigo mesmo, fúria entalada, voz embargada:

— São impuros trucidando almas limpas. São israelenses, são terroristas.

José olhou bem no rosto da criança. Antes de partir, pensou como aquela inocência poderia ser a próxima vítima dos cruéis. Mas não seria, concluiu, silenciosamente. “Agora somos dois”. E saudou:

— Que Alá derrame sobre você Suas bênçãos!

— Inshalla!

NÃO IREMOS EMBORA

*Aqui sobre vossos peitos persistimos como
uma muralha (...)
quando tivermos sede espremeremos as pedras
e comeremos terra quando estivermos famintos.
mas não iremos embora (...)
aqui temos um passado e um presente,
aqui está nosso futuro.*

Tawfiq Az-Zayad,
em *Dou-lhes as mãos*

NO SÉCULO VINTE

*Aprendi
durante séculos
a não fechar a porta diante dos hóspedes
mas um dia
abri os olhos
e vi minhas ovelhas roubadas
enforcada a companheira de minha vida
e nas costas de meu filho
sulcos de feridas
então reconheci a traição de meus hóspedes (...)*

Samih Al Qassim,
do livro **Canções das ruas**

DESAFIO

*Atem-me
proíbam-me os livros (...)
a poesia é meu sangue
a água dos olhos (...)
um milhão de pássaros
sobre os ramos de meu coração
inventam o hino combatente.*

Mahmud Darwich,
em Um apaixonado pela Palestina

O ESTRANGEIRO

*(...) que erro cometeu meu povo
para que viva hoje
numa terra em ruínas
que erro cometeu o pássaro
para que o joguem de um bosque a outro
que erro cometeu meu coração
para que derramem sobre ele
a catástrofe e tanta dor.*

Hauil' Assaqilah,
em O estrangeiro

DE ARAFAT

*Eu venho com um ramo de oliveira
em uma mão
e a arma da liberdade de lutador na outra
não deixem o ramo de oliveira
cair da minha mão.*

Yasser Arafat, *Lider da Organização
para a Libertação da Palestina – OLP.*
Discurso na Assembleia Geral da ONU, 1974

REFERÊNCIAS

A QUESTÃO JERUSALÉM: Delegação especial da Palestina no Brasil. Tradução: Nelson Patriota. Brasília: Stephanie, 1999.

FINKELSTEIN, Norman G. *A indústria do holocausto: Reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus*. Rio de Janeiro: Record 2001.

HROUB, Khaled. *Hamas: um guia para iniciantes*. Tradução: Lilian Palhares. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

KAPELIOUK, Amnon. *Arafat: o irreduzível*. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Planeta, 2004.

PALESTINA: A construção do muro. Organização das Nações Unidas, 2006.

POESIA PALESTINA DE COMBATE. Org: Abdellatif Laâbi.
Tradução: Jaime W. Cardoso e José Carlos Gondim.
Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

SAFIEH, Afif. *Children of a lesser god?* London: Palestinian
General Delegation to the U.K, 1997.

SARAMAGO, José. Entrevista concedida durante visita
realizada a Ramallah, Palestina, em 25 de março de
2002.

SOYINKA, Wole et al. *Viagem à Palestina*. Tradução: Le-
neide Duarte-Plon. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2004.

LIVROS PUBLICADOS PELO AUTOR:

- ◇ Pai, um conto sem ponto – 2015.
- ◇ Alguns contos, uns casos – 2017.
- ◇ Cais e filhos – 2018.
- ◇ A lavadeira e outros contos – 2018.
- ◇ Dois meninos – 2019.
- ◇ Se essa rua fosse minha – 2021.
- ◇ O morro encantado e outras histórias – 2021.
- ◇ O cosmogenista – 2022.
- ◇ Cadiquinhos: bitelascas de histórias – 2024.
- ◇ José: um palestino – 2024.

PRÊMIOS/MENÇÕES:

- ◇ Concurso de poesia e contos Cidade de Penedo 2011 – AL.
- ◇ Concurso Livro de Graça na Praça 2012/Belo Horizonte – MG.
- ◇ Concurso Livro de Graça na Praça 2013/Belo Horizonte – MG.
- ◇ Concurso de contos e poesias, temática espírita 2013 Jacareí – SP.
- ◇ III Concurso Literário Erotismo com Arte 2013/Rio de Janeiro – RJ.
- ◇ Iº concurso literário O Velho Matemático 2013/ Brasília – DF.
- ◇ Iº Festival de contos do Rio de Janeiro 2013 Rio de Janeiro – RJ.
- ◇ LITERARTE/Nucleo Letras Y Artes Buenos Aires 2014/ Buenos Aires–AR.
- ◇ Iº Concurso Nacional de Contos da Academia Gonçalves de Letras, Artes e Ciências 2021 – RJ.
- ◇ Prêmio Ler é Legal. Ministério Público do Distrito Federal e Territórios 2022/Brasília - DF

PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS:

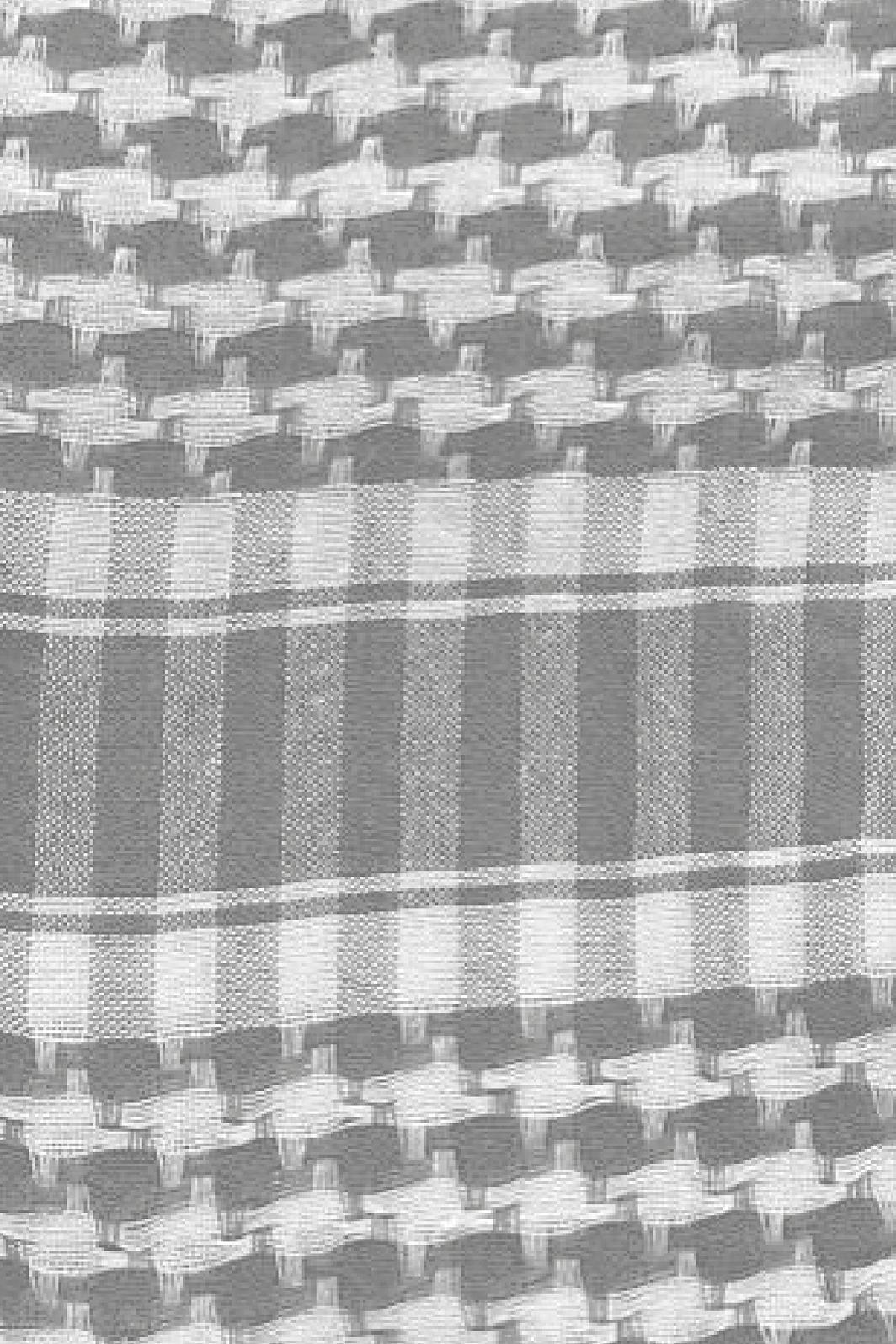
- ◇ Belo Horizonte 24 autores – 2012.
- ◇ O velho matemático e o pão milagroso – 2013.
- ◇ Conto e pronto – 2013.
- ◇ O começo e o fim – 2013.
- ◇ Revista imprensa na praça – 2013.
- ◇ Cumplicidade de movimentos – 2014.
- ◇ Ditados, provérbios e ditos populares – 2015.
- ◇ Rede de palavras - 2015.
- ◇ O varal – 2018.
- ◇ Seleção na praça – 2019
- ◇ O boi zebu e a formiga – 2020
- ◇ Antologia AGLAC – 2021
- ◇ Contato – 2021
- ◇ Mitologia – 2022
- ◇ Vinte e um – 2023

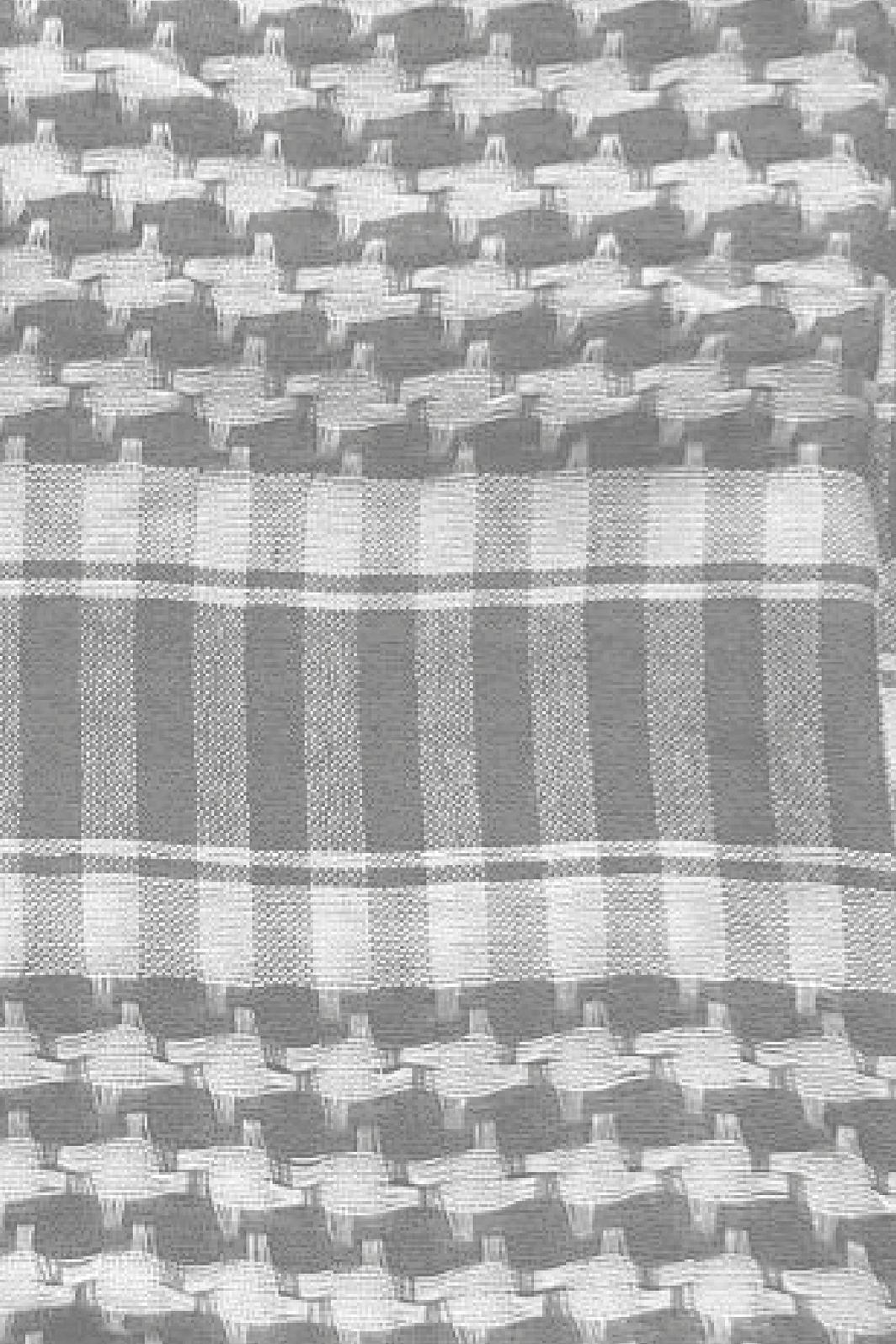
Este livro foi composto no verão de 2024, com a fonte
Bookman Old Style tamanho 12/18
impresso em Polén 90g na Formato Artes Gráficas.



Fabiano A. Salim

nasceu em Patos de Minas. Viveu a infância e adolescência na cidade de Patrocínio, Minas Gerais, onde estudou no Grupo Escolar Honorato Borges e Colégio Estadual Dom Lustosa. cursou engenharia Agrônoma na Universidade Federal de Viçosa onde também fez mestrado Extensão Rural. Publicou seu primeiro livro em 2015. Este é o nono. Recebeu diversos prêmios literários.







FABIANO A. SALIM